



# PORTUGAL

## NA GUERRA

# 1917

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA  
Director: AUGUSTO PINA

COLLABORAÇÃO LITTERARIA  
de  
ESCRITORES  
PORTUGUEZES  
E ESTRANGEIROS

ILLUSTRADA

com documentos photographicos  
do SERVIÇO ESPECIAL  
junto do

Corpo Expedicionario  
Portuguez em França

e com a collaboração dos melhores  
artistas portuguezes e estrangeiros

REDACÇÃO :

3, Rue de Villejust — PARIS

Agente Geral em Portugal

VICTOR MELLO

Rue Ibens 56 — 2º

:: LISBOA ::



Numero avulso : 30 centavos

Prix du Numéro : 1 franc

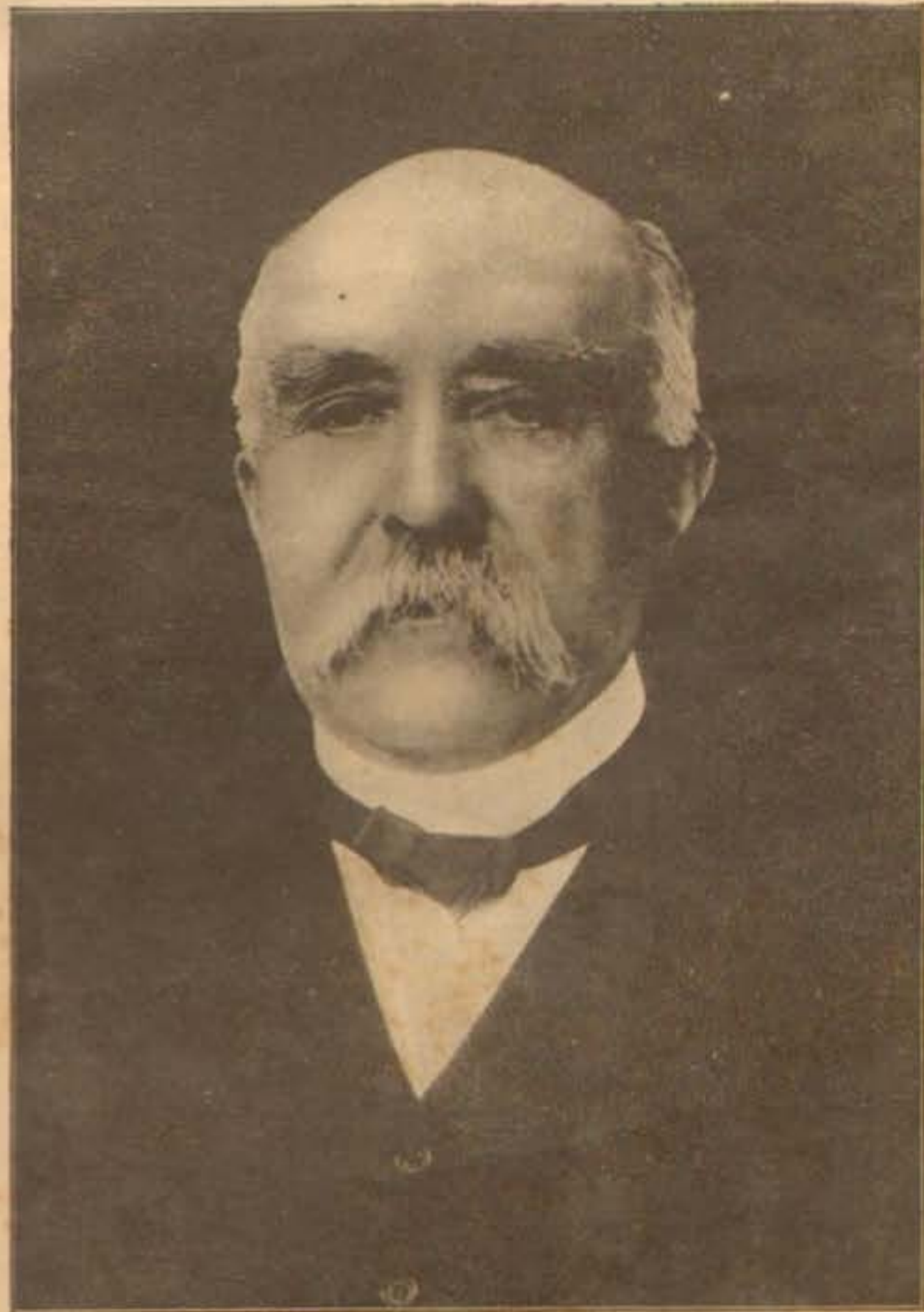


Photo H. Masson

Mr. GEORGES CLEMENCEAU

Presidente do Governo Francez  
Ministro da Guerra







# PORT-WINE

## A REGIÃO DURIENSE

### O BARCO REBELLO □ VINDIMAS E LAGARADAS

□ □ □

Venho da região duriense. Venho das montanhas em que se cultiva, colhe e trabalha o vinho português a que se chama do Porto — O Port-Wine, o nosso unico titulo de crédito á gloria na consagração mundial.

Conhecem a região? — tão distante do Porto, e dos seus costumes, e das suas tradições. Pois se a não conhecem, em verdade lhes digo que ignoram uma das mais nobres regiões da Europa — das mais fortes, das mais ousadas e das mais típicas.

As suas montanhas, as suas encostas não se assemelham a nenhuma outra. São leguas, dezenas de leguas de sólo convulsionado e aspero de lombos que se abatem e se empinam, em planos sucessivos, em declives formidaveis muitas vezes inacessíveis. São milhares de ravinas e de precipícios, separados entre si por bruscas depressões, todos afeiçoados a terrenos de plantio — tendo por centro a valla profunda do Douro, ramificando-se para a direita e para a esquerda do rio sobre a bacia hidrográfica dos seus afluentes de quatro distritos: dos de Vila Real e Bragança em Traz-ós-Montes, dos de Vizeu e da Guarda nas Beiras.

Ha muito quem julgue conhecer o nosso paiz vinhateiro... depois de o haver percorrido de automovel ou de comboio, seguindo a linha de agua do rio, ou curveteando pelas estradas que abraçam e cingem os flancos das suas vertentes.

Enganam-se os que julgam tão facilmente. A planicie sim, vê-se de relance, dá-se ao primeiro encontro. A planicie não tem segredos — nem sequer para os que surgem na vertigem das velocidades. Horizontal, é pronta e devassada — entrega-se no repente dum olhar.

Ao passo que a montanha, altiva, dominadora, severa, — e principalmente aquella montanha, de hecтар em hecтар fendida em quebras abruptas, de kilometro em kilometro desdobrando-se em novas montanhas — guarda virginalmente os mais apetecíveis encantos para os que procuram captar-lhe a intimidade. Não basta percorrê-la — é indispensavel convivê-la. E só na comunhão da convivencia revela as belézas dissimuladas sob a severidade da sua apparencia.

E' assim o Douro. Essa imensa columna dorsal de monstro fossilizado, de vertebras lombares voltadas ao alto, — toda em cristas e declives, toda enquistada de rochedos que parece rolar sobre nós, agitados por genios guerreiros de legenda ciosos dos seus dominios — sendo aquilo mesmo, é por isso mesmo a suggestiva expressão do pitoresco e do imprevisto.

Cada uma dessas ravinas, dum aspecto tão duro, tem os seus refégos e reconcavos — regaços maternais em que se embalam, mamam e adormecem os mais frescos rebentos. Em cada refégo prospéra e viceja uma horta. Em cada reconcavo floresce um pomar, cujos rufos sabem a caricias. E em muitos dos regaços e dos reconcavos, onde o halito da terra não queima sob o fogo do sol de verão, e onde não enregêla sob as neves e os ventos do inverno, desenvolvem-se largas colmeias de arvores e videiras na primeira infancia — os viveiros — destinados ao repovoamento anual das vinhas e dos pomares.

E subi-las, subir os cêrros, descer as ravinas, corresponde a gosar o inédito e o fantastico em largas doses e em fórmulas suprémas.

Um contraforte, a prôa imponente dum navio de gigantes e os socalcos simetricos, revestindo-o de alto a baixo, os troncos sobrepostos de que lhe construíram o casco. Um rochedo esférico, de dimensões colossaes, equilibrado sobre outro rochedo saliente, é um mundo aos hombros dum atlante, que pisa a infinidad de rochedos menores como se fossem grãos de areia.

E aqui, ali, alem, emergindo para o céu da espessura esmeraldina das vidonhas, acima dos espinhaços hirsutos de pinheiros e de carrascos, elevam-se quasi equidistantes, dominam as distancias, grandes cabeços mamilares seios em apojadura a oferecerem-se á sofreguidão dos deuses, que veem sorvêr os nectares das vinhas e dos pomares.

Muitas dessas vinhas, em socalcos, em escadaria que do rio sobe aos cumes da montanha com os seus solares antigos e graves acolitados de gravissimos ciprestes, cercados de armazéns e moradias de *feilôres* e de *cazeiros* recurvam-se concavos no dorso das vertentes. Pelo quê, vistas dos socalcos *cimeiros*, são a imagem e semelhança de coliseus romanos em ruinas, vastos anfiteatros, em que as videiras, debruçando-se, espreguçando-se, rastejando, representam o papel das parasitarias de todas as ruinas abandonadas ao tempo.

Mas, não é apenas na originalidade das suas colinas, na sua estrutura crográfica e na disposição das suas vinhas, que o Douro oferece aspectos de estranho relévo.

O Meio é irmão gêmeo da Naturêza. Se a Naturêza cria, o Meio adapta — no que completa a obra da sua irmã, concorrendo com ela para o triunfo pleno da vida.

De facto, aquêle Meio, que anteriormente aos vinhêdos devia parecer impermeavel ao esforço e á fixação do homem — pela asperêza chistosa do seu solo, pelo calor asfixiante das suas estiagens e pela hostilidade aggressiva das suas atitudes — adaptou ás exigencias locais os que procuraram torna-lo habitavel, formando uma raça propria, altiva e afavel, inteligente e vigorosa, com usos e costumes inconfundíveis.

Destes, os mais caracteristicos, são os que se relacionam com a principal, com a quasi exclusiva preocupação do duriense — a sua vinha, os seus vinhos.

Sem possibilidade de rasgar estradas, atravez dos precipícios, que o pozessem em comunicação com os centros consumidores, plantadas as primeiras vinhas, colhidos os primeiros vinhos, fixou a sua atenção no rio — no rio que era o unico caminho a tentar para esses centros, apesar dos seus perigos e dos seus obstaculos.

O Douro, nas vasantes estivais arrastando-se emagrecido, o que faz dizer expressivamente ao povo « que vai na mãe », ou que vai « na espinha », e nas cheias de inverno saltando fóra do leito, galgando com impeto indomavel os accidentes dos *pontos* e das *galeiras*, só nas aguas medias tornava possível a navegação. Mas não havia barcos, não havia lemes, que mesmo nessas aguas, afrontassem a violencia dos seus cachões — daquelas *galeiras*, daqueles *pontos*. E então a necessidade, mãe do progresso, concebeu, experimentou, construiu providencialmente o unico barco capaz de vencer os perigos do Douro — « o rio de mau navegar ». Foi o barco *rebello*, com reminiscencias de trireme grêgo no esbelto aprumo da quilha pontea-guda com, marcados vestigios romanos do *gubernaculum* no vigôr do leme comprido — a *espadêia*, especie de rabo rastejante, que partindo da *apêgada*, ponte de comando erguida a um terço da ré para a manobra do *arraís*, ou mestre do barco, se fixa na *chumaccira*, rijo apoio sobre o espigão da pôpa, e vai afocinhar no rio, e opor a sua resistencia aos « palheiros de agua », ás ondas e redemoinhos dos cachões.

São os *rebellos*, ao que me parece, um dos melhores documentos da antiguidade dos nectares durienses — os *rebellos*, nascidos para o transporte dos vinhos de feitoria e embarque, e até á abertura da linha ferrea cumulativamente utilizados para a permuta de todas as mercadorias e para a viagem de passageiros, o que custou centos de vidas á região. Porque a antigui-



dade dos barcos está afirmada nos processos da sua construção, e ainda nas imagens e invocações de santos, pintadas em penêdos sobranceiros aos pontos mais conhecidos pelos seus perigos e naufragios — a da Sra. do Carmo no da *Cachucha*, a da Sra. da Boa-Viagem no de Barqueiros, a de S. José em Arêgos, a de N.ª Sra. da Cardia nas proximidades de Pala. Imagens e invocações, algumas de linhas já meio apagadas, têm o contraste dos seculos na ingenuidade da tecnica, na patina do colorido e nos longes da tradição.

E elas só podiam ter surgido, com o seu prestigio salvador, sobre as sofreguidões da torrente, depois de devorados muitos barcos e muitas vidas.

Ora o rio, com a sua navegação, com os seus rebêlos — que, em dias de vento de feição, o arrais a manobrar ao alto da *apêgada*, arvoram a véla enorme e quadrangular, tão parecida com os guêdes procionais do *Corpus-Christi* — deu origem a costumes que se não encontram fóra daquele termo. O traje dos *marinheiros*, como lhes chamam no Douro, — e eram milhares os que faziam o tráfego regional antes do filoxera e do comboio — conserva os seus traços acentuadamente pitorêscos. E não são menos pitorêscos, nem menos inconfundíveis, o seu sistema de carregação de pipas, as suas refeições á beira de agua, os seus descantes em pleno pégo, e a faina brutal da *siçga*, quando o vento não ajuda, quando têm de alar o barco á corda, caminhando pela arêsta dos fraguêdos.

As vinhas escorregadias conservam tambem o seu ritual antigo, palpitante de caracter, nas *pôdas* e nas *enxofras*, nas fundas *surribas* e nas *cavas* possantes — as *cavas*, amaciando a terra sob um sol de fogo, ao resfolegar bravio das *ranchadas* de cavadores; as *surribas* rasgando a ferro e a dinamite o solo pedregôso, pulverisando rochas, levando vivos estímulos maternas a entranhas que eram a dura esterilidade morta.

Mas nenhum aspecto duriense interessa e comove como o da vindima e da lagarada — que mantem uma linha comum de unidade com as vindimas e lagaradas de toda a parte, sendo o mais pitorêscos desse paiz de epopeia, que transformou montanhas sêcas em vêrdes altares de fecundidade.

A vindima e a lagarada, apesar de todo o seu encanto dionisiaco lembram-me sempre a Via-Dolorosa e o Tabôr — o caminho para o suplicio, por entre os clamores da multidão, do corpo vivo que vai ser mortê redentora, e a sua transfiguração no espirito santo do vinho.

A vindima é feita por mulheres e homens que das serranias beirãs e trasmontanas descem ás quintas, nos fins de setembro. Descem em bandos, homens e mulheres nos seus trajos de vêr a Deus, eles de varapaus ao hombro carregando trouxas de roupa sobrecolente, elas de sestos á cabeça conduzindo viveres e utensilios de trabalho.

Cada um dos bandos traz consigo, á vanguarda, dez ou dôze rapazes e raparigas « esturdios », a tocarem harmonio, violas, bombo e ferrinhos, a cantarem, ao desafio, *modinhas* das suas terras, trovas que cheiram á ingenua brêgeirice dos simples e que espalham frescura e graça de estevais floridos.

Nos primeiros dias de outubro — pois ninguem vindima antes — a alvorada acorda os socalcos, o nobre silencio dos socalcos, com o clamorôso alarido dos vindimadores. É como num vistoso efeito de magica, todos eles, tão graves, tão serenos, surgem fervilhantes de côr e de bolício, no mais impressionante contraste com essa habitual gravidade, com a sua majestosa serenidade.

As vinhas, no outôno, dão a idéa de Kermesses colossais ao ar livre. As fôlhas tingem-se de todos os tons das sêdas e dos veludos. O vêrde desfalece. Em raros pés é o esmeralda humido em que a mocidade e a esperança sorriem. Toma o ar fatigado das vigílias — o livido dos desmaios, o palido das anemias. Em vez dêle desdobra-se e triunfa o ambarado virgem e o ambarado poluido pelo fumo; o rôxo dos martirios e das agonias; o cinzento inerte dos lares apagados; o vermelho rubro do sangue, chagas em carne viva.

E no aconchêgo das folhas, no fôfo acolchoamento das sêdas e dos veludos, repousam e espreitam os cachos maduros — contas de azeviche, corações de filigrana de oiro, adereços de rubis et de turquezas.

De maneira que, principalmente observados a distancia, os vindimadores e as vindimadeiras giram, fervilham atravez esses mostruários de estôfos e de joias, comprando e cantando.

A aza da sesta de vêrga enfiada no braço esquerdo, na mão direita a navalha aberta, elas colhem, riem, mexem-se e cantam. Aos seus cantos, aos seus risos, aos seus ditos picantes juntam-se os dos homens que estravasam as sestas nos grandes sestos de transporte — os sestos *vindimos*, piramides conicas de vêrga, com o vertice chato voltado para o chão, que outros homens, os carregadores, transferem ás costas das vinhas para os lagares, em filas seguidas de seis e oito, descendo ou subindo os estreitos degraus dos socalcos.

No acêso da faina vibra no ar, com o estrugir das gargalhadas e o côro dos descantes, alguma coisa de estranho que perturba.

Dá a impressão de que, de facto, o deus Baccho percorre os grupos, fazendo cocêgas aos mais risonhos e a todos embriagando de *Sama* — o espirito inquieto do sumo da uva, — que sacode como o cavalo rapido arrastando um carro. Parece ouvir-se, por vezes, a ironia daquela frusta de cana do Syriux que Pan lhe ensinou a dedilhar. Parece sentir-se, quando o ruido atinge veemências de delirio, o rodar da sua quadriga, que quatro panteras tiram a galope, estimuladas pelo cacho que o velho deus lhes expreme na nuca. A sua côrte, nesses momentos, os satiros capricornios, os paniscos de cauda de macaco, os argipans, os centauros, as pitonisas cercam-no, correm, ululam, gritam em côro:

— Evoé! Evoé!

Esses gritos, e esse rumor, repercutem-se e ganham relêvo nas encostas fronteiras — tão afastadas se precisamos transferir-nos de cá para lá, tão perto — se queremos falar dumas para as outras, e tão perto que um gemido de quem chega a ouvir-se alem Douro. Pelo que, a vindima, realisada no nosso solo cristão, toma as proporções das festas pagãs, nos dias risonhos do Olimpo.

A lagarada começa invariavelmente á noite — ás oito da noite. Atestado o lagar, os pisadores, de calças arregaçadas até ao cimo da côxa, iniciam o trabalho da *côrta*, operação preliminar da soma de movimentos, que reduz a uva a liquido fervente.

Formam em duas filas cerradas, frente a frente, unidos os homens de cada fila, uns aos outros, pelos braços lançados de hombro a hombro.

Em silencio, avançam e recuam das bôrdas para o centro do lagar, e do centro para as bôrdas — arquejando no esforço da compressão, fazendo gemer os cachos, que espirram vinho.

E apenas as pernas musculôsas, lambusadas de mel, mergulham sem resistencia na uva esmagada, passam a praticar a *sôca*. Uma voz levanta-se dentre as lagaroiras, bradando, alegre:

— Viva a liberdade!

Os braços desatam-se. As filas dispersam-se. O harmonio rompe com a *caninha vêrde* ou o *malhão*. Os ferrinhos relinem. As violas zanguezarreãm. E duas vozes lentas, modelando a musica, que o som cavernoso do bombo acentua, batem-se em duêlo — cantando, resuscitando Juvenal, pondo Juvenal em mangas de camisa e descalço a improvisar satiras populares.

E na atmosphera densa, que estonteia, penetrada do cheiro a môsto — cheiro que se derrama por toda a quinta — a *pisa* é uma verdadeira consagração divinitaria do nascimento.

O verbo, purificado pelo martirio, torna-se alma redimida.

A uva tem o seu parto — das suas entranhas doloridas nasce o vinho generôso que em breve encherá as cubas. O suor dos que moirejam, numa confraternisação festiva, transforma-se no bem estar dos pobres e na opulencia dos ricos. Assim, é por entre o rumor de regosijo, com musica e descantes, que a uva se faz vinho e que o vinho se prepara para entrar nos toneis — gigantescos abdomens de carvalho ou de mogno, que engolem dez, vinte, quarenta, oitenta pipas, para as vomitarem mais tarde nas vasilhas em que embarcam no rio, que do rio as levam ao Porto, e que do Porto, sob o rotulo afamado de *Port-Wine*, as conduzem ás largas travessias mundiais.

O que ninguem calcula, ao sorvêr um calix de vinho do Porto, em que o sabor, a côr e o arôma tão finamente se combinam, é a luta, o esforço, as incertezas e as esperanças a que corresponde cada gôta desse liquido dôce, loiro e perfumado.

SOUSA COSTA



## NA FRENTE PORTUGUEZA — SUR LE FRONT PORTUGAIS



O general Tamagnini nas trincheiras      *Le général Tamagnini aux tranchées*



Nos postos avançados das primeiras linhas      *Aux postes avancés des premières lignes*





Da esquerda para a direita, sentados : Sub-chefe d'Estado Maior, tenente coronel Ferreira Martins; Chefe d'Estado Maior, coronel Roberto Baptista; Major Mathias de Castro  
De pé : capitão Abreu Campos; major Victorino Godinho; major Pires Monteiro; capitão Coutinho; capitão Lourenço e capitão Mascarenhas



## O NOVO MINISTERIO FRANCEZ



Mr. STEPHEN PICHON  
Ministro dos Negocios Estrangeiros

O Sr. Pichon, o novo Ministro dos Negocios Estrangeiros no ministerio Clemenceau é um velho parlamentar que tem já por diversas vezes occupado um logar de destaque no Quai d'Orsay, depois de ter representado a França em varias capitães da Europa, da Asia e da America do Sul. Além de politico eminente, orador eloquente e muito escutado, é um jornalista distinctissimo que se affirmou outr'ora na *Justice* e hoje no *Petit Journal*, defendendo sempre as nobres causas, pelejando constantemente na vanguarda, com o mais vivo ardor de combatente, pelo alevantamento e glorificação do nome da França. Batalhou sempre nas fileiras republicanas as mais avançadas, demonstrando qualidades d'emerito polemista.

No actual ministerio francez vemos tambem outras figuras de grande valor, como Klotz, André Lebrun, Pams, Leygues, Nail, Ignace, Loucheur, etc. — um grupo de homens que tem largos pontos de vista e muita experiencia e que dão as maiores garantias aos francezes patriotas, assim como aos alliados.

O Sr. Pichon mostrou-se por diversas vezes, um verdadeiro amigo de Portugal e, no *Petit Journal*, por occasião da nossa preparação militar e da entrada do nosso paiz na grande guerra, falou sempre da Republica Portugueza nos termos os mais calorosos, demonstrando-nos sempre as mais profundas sympathias e a melhor vontade.

O nome do illustre Ministro é tambem muito apreciado em Portugal, onde todos os que se interessam pela França e se acham ao corrente da evolução da politica franceza, conhecem o papel preponderante que o Sr. Pichon sempre representou n'estes ultimos trinta annos na diplomacia e em todas as questões de politica europeia e mesmo internacional. A sua collaboração ao lado de Clemenceau vae ser preciosa nas questões vitaes que se debatem n'esta hora tragica da Historia!



Nas trincheiras. — A sereia utilizada nas primeiras inhas para o alarme de gazes asphixiantes



## OS AMIGOS DE PORTUGAL



PHILÉAS LEBESGUE

Philéas Lebesgue é um dos lusófilos mais distintos e ao qual as letras portuguesas mais serviços devem. Poeta, romancista, crítico literário e sociólogo, a sua obra é já muito importante. Sobre Portugal escreveu há annos um pequeno volume. O Movimento Literário Português (edição Sansot) e depois, um interessante trabalho La République Portugaise. Na secção Lettres Portugaises do Mercure de France continua a sua bella propaganda de glorificação dos nossos melhores poetas e escriptores. É um dos maiores amigos de Portugal em França.

Quando outr'ora Portugal contava apenas um punhado d'homens, conseguiu, um momento, em amplexo temerario, reunir os dois continentes. As descobertas marcam a entrada da Era moderna. A aventura inaudita dotou-o d'uma epopeia onde elle se transfigura e os Lusíadas tornaram-se os evangelhos da sua fé nacional.

Quando se trata da defesa dos restos sagrados do imperio colonial, ameaçados pela ambição germanica, é lendo Camões que os portuguezes melhor compreendem quaes devem ser as suas resoluções de salvação collectiva.

De resto, Portugal e a França marcham unidos pela fatalidade dos instinctos geraes e ambos deram como base á civilisação uma concepção de honra e d'amor.

Portugal abriu, de par a par, os horizontes da Terra; a França illuminou os horizontes do Pensamento.

Ambos acreditam n'alguma coisa d'immortal que lhes deve assegurar a reciproca salvação, pela exaltação de toda a Humanidade!

PHILÉAS LEBESGUE.

Quand le Portugal a étant enuissé par une fortune  
d'honneur. Il parait d'assurer un instant de  
son étroit le monde, la son continué.  
Les découvertes ont marqué le début de l'ère  
moderne. L'aventure inouïe le doté d'une épopée  
où il se transfigure, et les Lusíadas sont devenus  
l'évangile de sa foi nationale.  
Quand il s'agit de défendre les derniers restes de  
l'empire colonial, menacés par l'ambition  
germanique, c'est en relisant Camões que les  
Portugais ont compris quelle devaient être

Leur résolutions de salut collectif.

Au reste, le Portugal et la France ont été dirigés  
l'un vers l'autre par le fatalité des instincts généraux,  
qui les ont portés à donner pour base à la civilisa-  
tion une conception d'honneur et d'amour.

Le Portugal a ouvert tout large le horizon de la  
Terra; la France a illuminé le horizon de la Pensée.

Ambos acreditam n'alguma coisa d'immortal que  
deve assegurar leur salut réciproque par  
l'exaltation de l'Humanité toute entière.

Philéas Lebesgue

Le Nouvelliste, Samedi 10.11.1917, 11 novembre 1917

## A NOSSA REVISTA

*Res, non verba.*

Tem sido para nós extremamente honroso as cartas de felicitações que temos continuado a receber desde o começo da publicação d'esta revista, constituindo um publico testemunho d'alto apreço aos nossos patrióticos esforços. No mez findo, mandamos encadernar luxuosamente, com letras doiradas e em *convertures* com as côres nacionaes um certo numero de colleções do *Portugal na guerra* para offerecer a algumas notabilidades francezas na politica, na sciencia e nas artes. Recebemos as mais requintadas frases de agradecimento que nos sensibilisaram profundamente. O senhor Presidente da Republica Franceza, Raymundo Poincaré, o senhor Paulo Deschanel, presidente da Camara dos Deputados, o senhor Painlevé, sabio membro do Instituto de França e ex-presidente do conselho de ministros, o senador e ex-ministro Jules Godin, o ex-ministro e illustre economista Yves Guyot, todas essas notabilidades francezas nos enviaram cartas com palavras affectuosas, agradecendo as colleções offerecidas. Ainda ha pouco recebemos outra carta do eminente jurisconsulto francez, honra do fóro de Paris, o sur. Edouard Clunet, agradecendo tambem a nossa revista.

Multas folhas parisienses e departamentaes se tem referido á nossa publicação com elogio. E dos principaes membros da colonia portuguesa em Paris temos igualmente recebido palavras carinhosas de muito apreço. A nossa publicação obteve mesmo um grande successo em colonias distantes, porque entre os jornaes que á nossa revista se tem referido destacamos uma folha do Tonkin! A imprensa brazileira cita-nos amiudadas vezes e temos visto transcripções d'artigos da nossa revista nos quotidianos mais lidos do Rio, de São Paulo, de Minas e do Pará.

*Portugal na guerra* espera continuar a merecer os elogios do publico, serio, o applauso das élites e dos portuguezes que são patriotas. É o que unicamente nos interessa.

Estamos enternecidamente reconhecidos por todas essas boas palavras amigas, e testemunhos de sympathia dos verdadeiros portuguezes que se vangloriam de ser patriotas e de ver enaltecido o nome da patria no estrangeiro. A nossa revista tem feito conhecer pela imagem o heroico esforço militar portuguez em França, sendo o panorama curioso da nossa cooperação junto dos exercitos alliados.



## OS SERVIÇOS DE SAUDE NA FRENTE PORTUGUEZA



Um posto de socorros avançado      *Un poste de secours avancé*



Uma ambulancia na reataguarda      *Une ambulance à l'arrière*



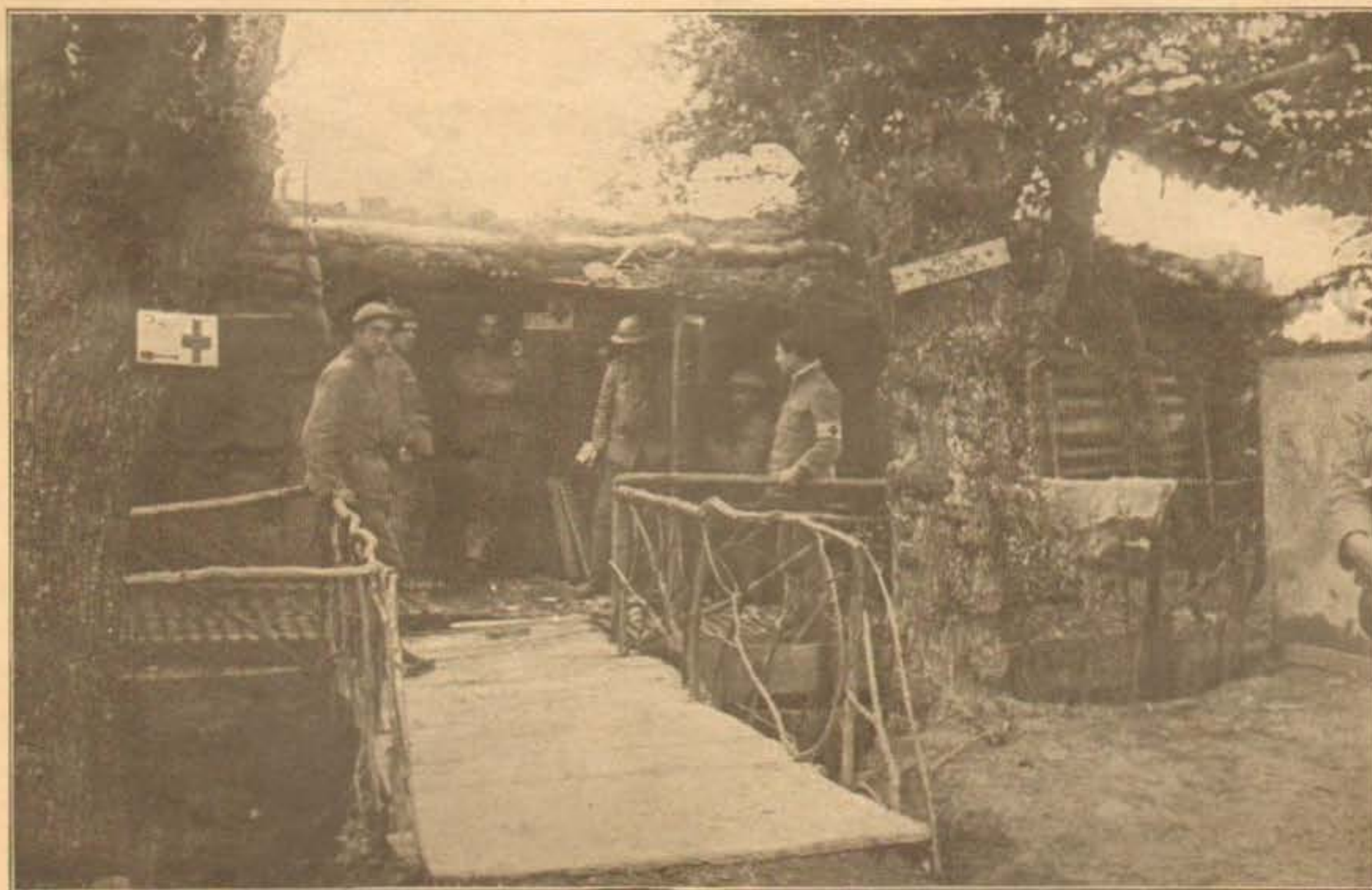
LES SERVICES DE SANTÉ AU FRONT PORTUGAIS



O Coronel Gomes Ribeiro,  
Chefe dos Serviços de Saúde do C. E. P.



Carros dos serviços sanitários na frente portuguesa  
*Voitures des services sanitaires au front portugais*



Um posto de socorros a feridos nas primeiras linhas

*Un poste de secours aux blessés sur les premières lignes*



# OS SERVIÇOS DE SAUDE DO C. E. P.

## A SUA ORGANISAÇÃO

O nosso exercito tem demonstrado, e d'uma maneira brilhante que pode colaborar, na grande guerra europeia, ao lado dos soldados ingleses e francezes, não só pelos conhecimentos taticos que possui, pela bravura e coragem inata da nossa raça, mas tambem pela organização d'alguns serviços de campanha, entre os quaes convem notar, o de saude. Realisaram-se modificações importantes, desde 1904, por que seguimos de perto, os progressos dos principaes exercitos europeus. Hoje o serviço de saude na frente rivalisa com o das forças aliadas. Foi mais um admiravel triumpho da nossa preparação militar, uma das obras mais



Transporte d'un operado

apreciadas, comprovativas da nossa tenacidade, e do nosso alto tino organisador.

Desde 1904 que o serviço de saude na primeira linha do exercito portuguez se moldava pelo serviço de saude regimental no tipo de dois escalões e o serviço das formações sanitarias divisionarias.

Os feridos, na linha de fogo, são conduzidos pelos maqueiros regimentaes até aos postos de socorros (P. S.), onde os medicos dos regimentos lhes prestam os primeiros socorros, ou completam aqueles que no proprio campo já lhes haviam sido prestados, quer pelos medicos destacados dos P. S. quer pelos enfermeiros e



Conduzindo um ferido a um posto de socorros

maqueiros das companhias. Os feridos, em seguida, são conduzidos para as formações sanitarias da divisão — as Ambulancias (Amb.) —. Estas, são instaladas de modo a poderem prestar aos doentes e feridos, intervenções mais completas, que as que podem prestar os P. S., estas pelas condições do seu funcionamento, são necessariamente sumarias.

As outras formações divisionarias, colunas de transporte de feridos (C. T. F.) e colunas de hospitalisação (C. H.), tem por fim: as primeiras, constituídas por apropriadas viaturas, automoveis e hipomoveis, conduzir os feridos dos P. S. às Amb.; as segundas verdadeiros depositos rolantes de material sanitario, são destina-

nadas a juntarem-se às ambulancias, de forma a permitirlhes a criação de pequenos centros de hospitalisação.

A organização portugueza tinha em vista, moldada sobre o schema que acabo de traçar, proporcionar aos feridos cuidados cirurgicos completos, o mais proximo possível do local do combate, e permitir até certo ponto evitar a evacuação precoce dos grandes feridos.

A organização do S. S. do Exercito Britanico de primeira linha, compreende tambem dois escalões: o — *Regimental Aid Post* — e a — *Field Ambulance*.

Regularmente, a *Field Ambulance*, divide-se em duas secções: uma mais avançada, *Advanced Dressing Station* e outra mais recua-



Automoveis para transporte dos feridos

Automobiles pour le transport des blessés



da: *Main Dressing Station*.

Na organização portuguesa estava previsto para uma melhor garantia, que os P. S., em principio únicos por regimento, pudessem, para se aproximar mais dos combatentes, formar postos de socorros avançados dos P. S., que ficavam n'esta hipotese situados à rearguarda.

Facil é de vêr, o modo como o nosso serviço se pôde facilmente adaptar à organização britânica. Sob proposta do commandante dos serviços de saúde do Corpo Expedicionario Portuguez, o Coronel medico José Gomes Ribeiro, aprovada pela autoridade medica do Exército Britânico, o S. S. Regimental funciona no sector do

Corpo Expedicionario Portuguez, dividido em dois escalões: P. S. avançados e correspondendo aos *Regimental Aid Post* e *Advanced Dressing Station* britânicos, desempenhando as ambulancias completas em pessoal e material, o papel da *Main Dressing Station*.

As condições muito particulares da guerra n'este sector occupado, permitiram — nos estabelecer hospitaes de sangue (H. S.); nome que dá a organização portuguesa a formação que resulta da junção de uma com outra, constituindo centros semelhantes em dotação de material e funcionamento, às *Casualty clearing Station* britânicas.

Dotados d'uma instalação muito mais completa do que a organização havia previsto, estes H. S. são verdadeiramente modelares, pelo que além do serviço medico e cirurgico geral, possuem as

especialidades d'outros serviços clinicos: oto-rino-laringologia, oftalmologia, estomatologia, vias urinarias, radiologia, gabinetes d'analyse química e bacteriologica etc.

Esboçamos assim d'uma maneira geral, com dados precisos que podemos colher das repartições competentes, o funcionamento dos sectores sanitarios do Corpo Expedicionario Portuguez, na sua linha de combate, isto é, na zona particularmente perigosa de guerra. Temos ali bons cirurgiões operadores e medicos militares que conhecem a fundo os progressos da sciencia moderna e que tratam os feridos com extremo carinho, — o carinho todo portuguez, doce, emotivo...

O nosso Serviço de Saúde honra a organização do exercito portuguez na frente occidental, onde nos batemos, com gloria!



Uma ambulancia      Une ambulance



Vista exterior da ambulancia nº 3



## O CAPITÃO AVIADOR OSCAR MONTEIRO TORRES

Portugal deplora o desaparecimento d'um bravo e valente portuguez que tanto soube honrar o nome da sua terra, — e que foi vencido em combate terrível sobre as linhas inimigas, na formidável lucta dos ares. Queremos falar de Monteiro Torres, o capitão aviador portuguez, ao serviço da França, homem de rara coragem, com um profundo sentimento de honra, sabendo o que é o cumprimento do dever.

Quando surgiu em Lisboa a ditadura Pimenta de Castro, Monteiro Torres retira a sua farda d'oficial portuguez e parte para Londres, a fim de se alistar no exercito inglez para poder combater na frente occidental. Por essa occasião publicou uma carta magífica de desassombro e d'energia, carta de que o jornal o *Mundo* fez uma larga distribuição. Monteiro Torres voltou para Lisboa onde se conservou até seguir de novo para França, não como voluntario exilado, mas como chefe da primeira missão de aviação, em fins

1916. No meez de janeiro de 1917, com o grupo aviador portuguez de que damos agora uma photographura, entrava n'um dos esquadrões do *Royal Flying Corps* onde todos os aviadores lusitanos, durante seis semanas, activamente trabalharam nos serviços relativos de observação de tiro d'artilharia, pequenos reconhecimentos, photographias, bombardeamentos etc, depois todos os aviadores com Monteiro Torres, recolheram ao Quartel General onde serviram dedicadamente aos embarques e desembarques dos primeiros contingentes vindos para França, do Corpo Expedicionario Portuguez e que chegaram a frente tres mezes mais tarde.

Quando o sr. Norton de Mattos visitou pela primeira vez a nossa frente, os aviadores portuguezes da missão, passaram para o serviço de caça, razão pela qual entraram nas escolas francezas d'esta especialidade, tendo obtido em todas as mais distinctas classificações, sobretudo na de acrobacia em Pau. O capitão Monteiro Torres o alferes Portela distinguiram-se entre os pilotos de todas as nações alliadas que all se encontravam, dando-se outro tanto na descola de Cazaux, onde o capitão Antonio Maia bastante se evidenciou pela sua precisão de tiro.

Como porem a nossa aviação ainda não estivesse completamente organizada no serviço de aparelhos, a fim de poder entrar em acção imediata, Monteiro Torres impaciente, deseioso de lutar ardendo na febre do combate no impulso do seu temperamento tão rico de seiva, alistou-se na esquadilha franceza Fecamp, por não ter podido chegar a tempo de enfim se alistar como ao principio preferia na de Guynemer.

O que elle, esse generoso e ardente mocò praticou nas primeiras linhas, antes do desastre que hoje todos lamentamos, seria assumpto para detalhado artigo, com mais vagar e maior dispendio d'espaco. Foi sempre tão habil na caça como nos ataques e bombardeios. Mostrou-se sempre d'uma insuadita coragem. Mas o que agora nos interessa em particular é a scena dramática do seu desaparecimento.



*Oscar Monteiro Torres*



Grupo dos aviadores portuguezes da 1ª missão.  
Alleres João Branco, capitão Monteiro Torres, alleres Alberto Portela  
capitão Souza Maia e capitão Santos Leite.

Vamos dar na integra a traducção da carta dirigida ao capitão Norberto Guimarães pelo commandante Lamy, da esquadilha 65 onde estava servindo Monteiro Torres, relatando a tragedia, com uma simplicidade admiravel. É portanto um documento que honra a memoria do heroe hoje tão saudoso e que foi da boa raça portugueza.

21 de Novembro de 1917.

Meu caro Guimarães

Cabe-me o doloroso dever de lhe vir annunciar o desaparecimento do capitão Monteiro Torres, em combate aereo no dia 19 do corrente.

Eis exactamente o que se passou: No dia 19, ás 13 horas, partamos ambos sobre as linhas; ás 14 horas 45, vi dois biplanos inimigos na vertical das linhas; ataque o ultimo dos dois a cerca de quinhentos metros de altitude, obriço-o a descer, e continuei a persegui-lo.

O Torres, n'esse momento, passa por sobre mim e ataca o « boche » que se achava adiante. Nesse instante uma das minhas metralhadoras inutilisa-se. Tres monoplanos Albatros cahem sobre nós. O combate linha-nos arrastado a cerca de quatro kilometros em territorio occupado. A minha segunda metralhadora fica por sua vez inutilisada, e vejo então o Torres inclinar-se a esquerda e em seguida descer verticalmente, perseguido por um « boche » que lhe atira balas incendiarias. Não pude segui-lo até ao solo, por estar eu mesmo seriamente atacado.

Logo depois de chegar ao campo mandei indagar nas primeiras linhas se tinham visto o combate e a infantaria deu-me confirmação do que eu tinha presenciado, dizendo que o aparelho linha desaparecido detraz d'um bosque — Talvez elle sahisse indemne.

Nos todos, aqui, lastimamos profundamente a perda do captivante camarada que era o Torres. Era um bom soldado que, durante a sua estada na esquadilha, foi um exemplo para todos, sob todos os pontos de vista.

Lastimando, meu caro amigo, o ter de cumprir um tão doloroso dever, peço-lhe creia no seu etc., etc.

(s) B. LAMY. Commandant l'Escadrille 65.

E nada mais sabemos do bravo e valente Monteiro Torres. Qual foi o seu destino? morto? ferido e prisioneiro? Sabemos que já se não encontra do nosso lado, connosco, na terra alliada. Devemos perder todas as esperanças? Não cremos. Por isso não devemos ser pessimistas, acreditando n'um doloroso desenlace final. A esperança é uma consolação infinita.

O nome de Monteiro Torres, do homem que não hesitou um momento em sacrificar-se pela patria e pela causa dos alliados deve ficar gravado a lettras d'ouro no *panteon* da nossa historia.

Foi sempre um homem de acção e de sacrificio. Deu o nobre exemplo. Foi intervencionista até ao fim. Pré-gou a acção e realizou-a, com audacia, com valor, com inaudita coragem. Foi um homem, plenamente, soberbamente, dignamente um homem! Um portuguez com hora!



A CONFERENCIA INTERALIADA EM PARIS



*Chegada de Lloyd George a Paris*  
 O primeiro ministro da Grã-Bretanha acompanhado do Snr. Georges Clemenceau na estação do Norte

*Arrivée de Lloyd George à Paris*  
 Le premier ministre de la Grande-Bretagne accompagné de M. Clemenceau à la gare du Nord



O general Pershing  
 (Estados-Unidos)



Lord Northcliffe e Lloyd George  
 (Grã-Bretanha)



General Dall'Olivo  
 (Italia)





## A LÍNGUA PORTUGUEZA NOVOS CURSOS

A Camara Syndical dos Negociantes-Exportadores e Importadores Francezes, onde existem tantos comissionarios com largas e antigas relações de negocios nas praças commerciaes de Lisboa e Porto, abriu agora um curso da lingua portugueza, na Escola Comunal da rue Martel, no 10<sup>o</sup> arrondissement. A sessão inaugural foi presidida pelo Sr. Charles Guernier, deputado e ex-ministro, vice-presidente do *Comité d'Action Parlementaire à l'étranger*. Está dirigindo o curso o Sr. Montarroyos. No Havre, a *Société Mutuelle de Prevoyance des Employés de Commerce* tambem creou este anno um curso de lingua portugueza. Esse curso tem lugar duas vezes por semana, á noite, e tem sido muito frequentado.

### PARIS VAE CELEBRAR A MULHER PORTUGUEZA

O grupo *l'Action des Femmes* que por occasião da entrada official do nosso paiz na guerra saudára o esforço portuguez, vae consagrar ao nosso paiz uma das suas proximas sessões de domingo — e que tem lugar nos salões da *Jeunesse Republicaine*, afim de celebrar a mulher portugueza na guerra, sob o ponto de vista da cooperação moral e material. O grupo, composto de republicanas conscientes, encontra-se em relações directas com a illustre escriptora D. Anna de Castro Osorio, secretaria da Cruzada das Mulheres Portuguezas e que

com tanta dedicação trabalha no nosso paiz, nas obras de guerra.

No momento actual a mulher portugueza tem-se mostrado digna da mais profunda e sincera admiração.

### A Cruzada das Mulheres Portuguezas O novo hospital de Lisboa

O antigo collegio-convento de Campolide em Lisboa, encontra-se hoje transformado n'um vaso hospital modelo, para os mutilados da guerra. E' a obra magnifica da Cruzada das Mulheres Portuguezas.

O novo hospital está montado com todos os aperfeiçoamentos modernos que a guerra aconselha. Ali se vae tratar da reeducação dos mutilados, com o mesmo cuidado que elles todos haviam já encontrado no Instituto Medico Pedagogico.

No primeiro andar do Hospital de Campolide existe o laboratorio provisorio, com aparelhos modernos e vão haver ali salas de consulta externa. No segundo andar ficam os quartos particulares e as enfermarias. No terceiro fica a grande sala d'operações e os laboratorios annexos que vão conter tudo quanto a moderna sciencia tem descoberto para a chirurgia da guerra.

Nos annexos do antigo edificio estão instaladas as cosinhas, a dispensa, a casa das machinas onde funciona o dynamo que fornece a energia electrica á lavandaria, á fabrica de sabão, etc.

N'outro trecho do terreno estão construidos muitos pavilhões, uns em forma de H e outros em forma de V. Estes são destinados a doenças de nariz, garganta e olhos. Cada pavilhão comporta 24 camas e tem aquecimento central.

Em resumo o Hospital de Campolide contem o que ha de mais moderno: hydrotherapia, desenvolvimentos d'agentes fisicos, chirurgia experimental, casa d'autopsias com uma galeria isolada para que os chirurgiões a ellas possam assistir sem perigo d'infeção em serviço, — tudo devido á iniciativa do Dr. Francisco Gentil, dedicadamente auxiliado e secundado pelo *comité* de hospitalisação da Cruzada das Mulheres Portuguezas.

Lisboa tem hoje um hospital modelo, — o que é uma obra que muito nos honra. *Portugal na Guerra*, — revista documentaria de tudo que diz respeito ao esforço portuguez na grande guerra, não podia deixar de se referir a essa bella obra, saudando o Dr. Gentil e a patriótica iniciativa da Cruzada das Mulheres Portuguezas.

A Cruzada das Mulheres Portuguezas continua em Lisboa a sua admiravel obra d'assistencia. Funcionam já de ha muito

as suas creches de Alcantara e de Xabregas; e em breve vae ser inaugurada a de Campo d'Ourique.

A Cruzada abriu a Casa de Trabalho para as familias dos soldados mobilizados; e os subsidios que está concedendo elevam-se já a muito mais d'um conto de reis por mez.

Trata-se agora de crear Escolas profissionais e agricolas, com um programma todo moderno e que serão muito uteis para o desenvolvimento da cultura da mulher nos meios operarios.

No Porto o *Nucleo Feminino* da Junta Patriótica do Norte acaba d'inaugurar solenemente a Casa dos Filhos dos Soldados Portuguezes, sob a direcção da senhora D. Philomena Nogueira d'Oliveira. Este nucleo de damas portuenses tambem se occupa dos nossos presioneiros de Guerra na Alemanha e de todas as obras d'assistencia para as familias dos soldados mobilizados.

## Bibliographia LIVROS DA GUERRA

Paul Hyacinthe Loyson no seu livro: *La France champion du droit* baseia-se no principio claro e digno, na concepção alevantada d'uma França sempre na vanguarda dos ideaes de justiça integral, bem distantes das illusões criminosas do maximalismo. No novo trabalho de Loyson sente-se a vibração d'uma alma repleta d'amor pelos eternos principios do direito humano. Que enorme distancia entre a obra: *Etes-vous neutres devant le crime* e o infeliz como pretencioso livro de Romain Rolland: *Au-dessus de la mêlée*, cobrindo de desprezo esse ultra-pacifista e desertor que se ufana de ser, em Genebra, o annunciador do *defaitisme*. Paul Hyacinthe Loyson que é tambem um jornalista distinctissimo colloca acima dos interesses da classe, interesses por vezes inconscientes, os seus deveres de patriota republicano. Nunca compreendeu a solidariedade com traidores, porque n'estas horas tragicas, acima da união da classe está a alma da patria e está a defeza nacional.

Um Guia verdadeiramente precioso para todos aquelles que desejam ser informados do estado d'alma da provincia franceza, durante as horas graves que atravessamos, é o ultimo trabalho de Gabriel Alphanel, publicado pela livraria Hachette. O auctor não se contentou pois em visitar apenas as regiões como *touriste*, quiz viver a vida intensa das terras francezas que descreve, e em especial na Lorena e Champagne que se encontram na zona do exercito. Ha paginas interessantissimas sobre os grandes dias do Marne e de Verdun e sobre os horrores de Ser-



maize e de Gerbeviller. Falando das regiões de Briey, estuda com particular cuidado o problema moderno da metalurgia. Occupando-se do departamento de Saboya viu bem o papel que tem desempenhado as estações thermaes durante a guerra. Ha paginas claras e admiraveis sobre o genio francez, sobre a expansão franceza, sobre a impulsão franceza nos graves problemas d'amanhã.

*Surprise des Jours épiques de Liège* é o titulo do livro de Paul Crokaest sobre a invasão allemã na Belgica. A heroica e pequena nação achava-se quasi sem defeza, na vaga illusão das garantias d'um tratado, nunca suspeitando que a Allemauha fosse capaz d'uma traição e d'uma tão grande crueldade. A defesa do general Leman, com cerca de 10 mil homens, de tropas sem experiencia, contra o mais aguerrido exercito allemão, cobre eternamente de gloria a nação martyr que é a Belgica. Sabemos hoje que os invasores surpreendidos, não podendo tomar d'assalto na primeira offensiva violenta, os fortes do sector Meuse-Vesdre, tiveram um movimento de panico e pensavam já em evacuar Aix-la-Chapelle, Treves e Dusseldorf. Que maior elogio podemos dirigir ao reduzido mas valente exercito belga, que assim soube resistir, nos primeiros dias tragicos, ao mais poderoso e ao melhor organizado exercito do mundo! A tragica aventura de 1914 foi para a Belgica mais do que um baptismo de sangue, — foi a sua entrada triumphal na Historia do Mundo Moderno. É isso mesmo de que trata o novo trabalho de Fernand Pascheq: *Y a-t-il une nation belge?* Sim, ha uma nação belga que existirá sempre para eterna gloria da civilisação, com um rei que é o prototypo da honra. Os belgas sacrificaram-se pela liberdade do mundo. Sem a resistencia da Belgica teria sido impossivel terminar a mobilisação franceza e Paris estaria hoje reduzida a um montão de ruinas — segundo o plano dos pangermanistas, acolitados pelos traidores da *sozialdemokratia*. O reconhecimento do mundo civilisado pela Belgica deve ser eterno, — mas a ingratição dos homens tambem é eterna!

Mais dois bellos livros posthumos de Remy de Gourmont, editados pelo *Mercur de France*. *Lettres à l'Amazonie* e *Pendant la Guerre*. O primeiro volume é uma obra de pensamento requintado, onde vemos o intellectualismo d'esse escriptor d'extraordinaria cultura, verdadeiro e unico descendente de Renan. No volume sobre os acontecimentos da guerra ha capitulos curiosos, cheios d'essa inflexivel logica em que Remy de Gourmont tanto se especializou e que lhe deu revelo unico a sua prosa infinitavel. A guerra e as linguas, a guerra, e a litteratura, o romance e a guerra, a guerra e a religião, Goethe e a guerra: são capitulos onde se afirma a superioridade d'um espirito critico agudo e original. A maior parte d'esses artigos appareceram na *Nacion* de Buenos Ayres e foram reproduzidos nas principaes folhas da America do Sul. A morte de Remy de Gourmont cobriu de luto, em setembro de 1915, a Europa culta. A França perdeu um dos mais curiosos e interessantes artistas da Prosa moderna, e que foi tambem o delicado poeta do *Pèlerin du silence*. A sua obra enorme, mais de trinta volumes, constitue um dos maiores monumentos da Cultura Franceza.

X. DE C.

## UMA BELLA PHRASE

Rachilde, auctora de *Monsieur-Vénus*, a escriptora que firma as interessantes criticas do romance moderno no *Mercur de France*, na sua revista dos livros, respondendo a alguém que lhe perguntara se tinha algum parente a combater nas trincheiras.

— Se tenho lá algum? mas tenho lá toda a França...

A mesma resposta, tão sublime e tão simples, se encontra no boca d'uma das heroínas do ultimo romance de M<sup>lle</sup> Geneviève Duhamel.

Ora contaram-nos que n'uma das nossas terras da provincia portugueza, algumas senhoras indiferentes perguntaram à esposa d'um nosso camarada e amigo:

Porque é que se interessa tanto pelo que se passa lá tão longe, em França, com os soldados portuguezes? Tem por acaso lá a bater-se qualquer pessoa de familia?

— Não, effectivamente, não tenho lá nem marido, nem pae, nem filhos, nem irmãos; mas tenho portuguezes, que constituem a nossa grande familia, a minha e a de V. Ex<sup>cia</sup> se são portuguezes como creio.

E as damas, em questão coraram envergonhadas balbuciando:

— Tem razão... sim, todos os que ali se batem são portuguezes. São a nossa familia!

Octavio Mendes

## THEATROS

No VAUDEVILLE, obteve um relativo successo o novo trabalho, a *Marraine de l'escouade*, de Monézy-Eon e Daveillans. É peça militar e burlesca, com situações do antigo repertorio de Judic. O resurgimento do sempre aplaudido *Vaudeville* que é a comedia com *couplets* e coros, dictos picantes, situações para fazer rir a bom rir. E nada mais. A musica composta pelo Snr. Moreau Febyre é simples mas alegre e foi muito applaudida. Crêmos que é peça para todo o inverno, com successo do que a revista passada.

No theatro da PORTE SAINT-MARTIN o Snr. Lucien Guitry que é sem contestação um dos primeiros actores de Paris quiz tambem vangloriar-se com os louros d'auctor dramatico applaudido e fez representar, com successo o *Grand-Père* que embora n'um modelo antigo, com scenas já vistas, tem trechos brilhantes, situações verdadeiramente dramaticas. Guitry desempenha o principal papel e sempre com o brilho que nós todos lhe conhecemos, um triumphador da scena franceza, applaudido nas principaes cidades do velho e novo mundos.

No ATHENÉE, a nova peça do Snr. de Porto-Riche, *Marchand d'estampes*, mereceu a attenção da critica e foi geralmente bem acolhida. É do puro theatro d'amor, em que o Snr. de Porto-Riche, o dramaturgo do *Passé*, e do *Infidèle*, tanto se tem distinguido, discípulo das theorias de Racine e de Musset. Nesta obra dramatica, tão refinadamente moderna, d'uma philosophia triste, batalha do egoismo masculino e feminino, destacamos o admiravel trabalho de Madeleine Lély que traduz

com uma sensibilidade profunda os movimentos interiores da alma a mais complexa! O actor Harry Baur incarna-se admiravelmente no papel de Daniel. Os outros artistas completaram o magnifico *ensemble*. Podemos affirmar que o ATHENÉE encontrou o veio d'ouro para a sua estação d'inverno.

No CHATELET, a nova peça de grande espectáculo, *Course au Bonheur* foi coroada de successo e crêmos poder affirmar que é uma das mais curiosas dos theatros de Paris, n'este momento.

Quadros deliciosos, scenas verdadeiramente sensacionaes, uma interpretação de primeira ordem, — é um triumpho para o theatro popular por excellencia que é o CHATELET, a casa d'espectaculos que os parisenses mais frequentam n'estes dias festivos do Natal e do Anno-Bom.

No THEATRE REJANE, está em scena a peça americana de Bayard Weiler, *La 13<sup>e</sup> Chaise*, em que Rejane mostrou mais uma vez as suas excepçionaes qualidades dramaticas, interpretando a personagem de *Rosalie Lagrange*, uma velha e humilde *sorcière*. A critica tem largamente elogiado a interpretação que a grande artista deu a esse curioso papel, que o publico da *première* acolheu com enthusiasmo.

Concorrem para o bom *ensemble* d'esta representação as artistas Monna-Delza, Marguerite Caron, Carreze e o actor Tarride.

Se dos theatros, nos voltarmos para os *Music-Halls*, vemos em todos os Casinos e *Cabarets*, pitorescas revistas de grande espectáculo, desde o CONCERT MAYOL à CIGALE e ao CASINO DE PARIS onde todas as noites triumpham Rose Amy e Boucot e onde a grande atracção é a suggestiva Gaby Deslys, bem popular na chronica galante de Londres, de Paris e mesmo de Lisboa...

Paris, não obstante a guerra e as infindas tristezas da hora presente, continua a ser o *foyer* luminoso da Arte, a unica capital do espirito!

NAX.

### CARTAZ DA QUINZENA

Opéra, 7 h. 30, *Henri VIII, Faust, Roma, Rigoletto, Thaïs*  
Comédie-Française, 8 h. 15, *l'Abbé Constantin, la Marche Nuptiale, l'Occasion, Le Monde où l'on s'ennuie*  
Opéra-Comique, 8 h. 15, *Roi d'Yr, Béatrice, la Vie de Bohème, Carmen*  
Odéon, 7 h. 45, *Martin Delorme, l'Affaire des Poissons, la Vie de Bohème, la Souris*  
Variétés, 8 h. 15, *Polush et Perinutter*  
Bouffes-Parisiens, 8 h. 30, *Madame et son filleul*  
Gymnase, 8 h. 20, *Petite Reine*  
Vaudeville, 8 h. 30, *la Marraine de l'escouade*  
Châtelet, 8 h., *la Course au Bonheur*  
Palais-Royal, 8 h., *le Compartment des dames seules*  
Gaité-Lyrique, 8 h., *la Fille de Madame Angot*  
Ambigu, 8 h., *le Système D.*  
Antoine, 8 h., *les Butors et la Fumelle*  
Athénée, 8 h., *le Marchand d'estampes*  
Grand-Guignol, 8 h. 20, *la Grande Epouvante*  
Michel, 8 h. 30, *Plus ça change...*  
Th. Réjane, 8 h., *la Treizième chaise*  
Renaissance, 8 h. 20, *les Drapiers d'Herzule*  
Sarah-Bernhardt, 8 h. 30, *Les Nouveaux Riches*  
Porte-Saint-Martin, 8 h. 15, *Grand-Père*  
Cluny, 8 h. 20, *Quatre femmes et un caporal*  
Edouard-VII, 8 h. 15, *la Petite Bonne d'Abraham*  
Femina, 8 h. 20, *Gobette of Paris*  
Olympia, 8 h. 30, *vingt redettes et attractions*  
Casino de Paris, 8 h. 30, *la Revue Laisse-les tomber*  
Ba-ta-Clan, 8 h. 30, *ça mord!*  
Cigale, 8 h. 30, *La Revue*



## NO SECTOR PORTUGUEZ    AU SECTEUR PORTUGAIS



Abrigos nas trincheiras das primeiras linhas    *Abris aux tranchées des premières lignes*



Efeitos d'um bombardeamento da artilharia inimiga    *Effets d'un bombardement de l'artillerie ennemie*